

## **AUTONOMIA DOCENTE E A TRANSFORMAÇÃO DAS RELAÇÕES EM SALA DE AULA: CONTEXTO DE RESISTÊNCIA**

Simone Borba  
Maria Augusta Cunha Pimentel

### **RESUMO**

Este trabalho relata o processo de aprendizagem sob a perspectiva de adoção de metodologia mais coerente com o desenvolvimento de competência e revela a transformação na práxis no ofício de docente de educação profissional. Por meio das competências desenvolvidas – planejar, mediar e avaliar – foram aprimorados os instrumentos que sustentam a prática do ofício, permitindo análise da mediação da aprendizagem e do rebatimento no desenvolvimento das competências. No contexto da educação profissional, a finalidade e a pertinência da aprendizagem tornam-se mais evidentes com a transformação do perfil do aluno, bem como o questionamento acerca da autonomia docente, e a conseqüente resistência às formas de cerceamento impostas pela sociedade. As mudanças no mercado de trabalho e no perfil dos alunos demandam soluções, para as quais são necessárias reflexões sobre o ambiente de aprendizagem. A sala de aula, ambiente de aprendizagem, reflete a mediação do docente e o direcionamento para abordagens que promovem a aprendizagem contextualizada e significativa, apresentando mudanças nas relações entre o conhecimento e os sujeitos que o produzem.

PALAVRAS-CHAVE: Autonomia, Transformações, Competência, Aprendizagem, Resistência.

### **TEACHING AUTONOMY AND THE TRANSFORMATION OF RELATIONS IN THE CLASSROOM: A CONTEXT OF RESISTANCE**

This paper describes the learning process, and the adoption of more coherent approach to the development of competence and transformation reveals the craft of teaching practice in vocational education. Through the skills developed - plan, facilitate and evaluate - were upgraded instruments that underpin the practice of the craft, allowing analysis of the mediation of learning and developing skills in batting. In the context of vocational education, the purpose and relevance of learning become more evident with the transformation of the student's profile, also the question about teacher autonomy, and the consequent resistance to the forms of curtailment imposed by society. Changes in the job market and student profile call for solutions, which require reflections on the learning environment. The classroom, a learning environment, reflects the teacher's mediation and the direction towards approaches that promote



contextualized and meaningful learning, presenting changes in the relations between knowledge and the subjects that produce it.

**KEYWORDS: Autonomy, transformations, competence, learning, endurance.**

## ● INTRODUÇÃO

O trabalho é um constante "vir a ser", o ser humano está sempre se construindo, reconstruindo, reformulando, individual e coletivamente. Ao longo da vida as respostas e reações mudam, porque o ser adquire mais experiências e porque fisiologicamente também ocorrem mudanças que os impulsionam a novas respostas.

Trabalho é atividade produtiva. A prática, por meio da aplicação e verificação de conhecimentos teóricos adquiridos, reformula a teoria por meio da sistematização e da reflexão. Na perspectiva econômica o trabalho é o meio pelo qual o ser humano modifica sua realidade imediata para atender aos seus interesses. Contudo, a perspectiva ontológica elucida que o ser humano produz e se apropria da realidade imediata, atuando como sujeito de transformação do mundo em que vive.

O conhecimento é construído historicamente, é influenciado por teorias reconhecidas e confirmadas e também aplicadas, gerando experiências que transformam a prática e criam resultados que podem ser perícia ou inovação, pois estão subordinados à avaliação constante do domínio dos conhecimentos, de como o sujeito interage com a realidade, a questiona e como busca e produz resultados.

Neste estudo, adota-se como alicerce do fazer educativo, a concepção filosófica do ser humano "como ser situado historicamente no mundo e constituído a partir de aspectos naturais, sociais, políticos, culturais e econômicos"(SENAC, 2015) compreendendo que a Educação Profissional, o desenvolvimento de competências e a construção da visão crítica são constituídos por distintos atores que interagem entre si, mas cada qual com sua história de vida. Dessa forma é natural que, por meio das relações sociais, os atores construam conceitos de mundo para legitimar a percepção de realidade, que abrange aspectos geográficos, sociais, culturais e políticos.

Existe uma forte relação entre a prática, como exercício do conhecimento, e o produto/resultado que revela a interação do sujeito com o conhecimento, não é um mero produto.

A mudança compõe o processo histórico. É consenso que vivemos na Quarta Onda de globalização. Através dos séculos, as sociedades reconstruíram e destruíram ou baniram modos e formas de produção e organização social, denominando-as obsoletas quando não mais atendem às necessidades de produção. O ser humano é um especialista em adaptação, muitas mudanças derivam da própria adaptação. O mundo do trabalho nos insere em uma visão mais ampla, que exige a reflexão e distinção de formas de trabalho e modos de produção. As relações entre os agentes envolvidos no mundo do trabalho também compõem essa visão: empregadores, empregados, empreendedores, prestadores de serviço e trabalhadores articulam-se para promover as atividades produtivas.

As empresas sempre pressionaram, e continuarão a pressionar o mercado de trabalho, seja por meio de exigências em relação ao perfil profissional, seja na negociação de direitos e deveres. Torna-se necessário resgatar uma concepção de educação como processo que tenha por objetivo a formação integral do ser humano.

Sempre haverá demanda de trabalho e de serviços onde houver renda. A criação de novos postos de trabalho numa economia altamente especializada demanda trabalhadores altamente qualificados, o que coloca à Educação Profissional a reflexão sobre suas pertinência e finalidade.

Além de que, as questões relativas à empregabilidade apontam para a harmonização dos saberes gerais e dos saberes especializados, ou seja, é necessário identificar o perfil do trabalhador em um contexto que é sociopolítico, e proporcionar mediações que sustentem a apropriação do saber técnico.

A elaboração do planejamento docente e sua aplicação oportunizam o desenvolvimento de competências para planejar, mediar e avaliar, adotando vivências em situações de aprendizagem que aproximam a experiência laboral do aluno com a teoria.

### ● REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

As mudanças no mercado de trabalho, sobretudo no final do século passado, desencadearam mudanças nas reflexões sobre a finalidade, a pertinência e a relação ensino-aprendizagem. Estudos e pesquisas de Luria (DUARTE, 2003), Vygotski (1987) e Anibal Ponce (2003) e Paulo Freire (1979) questionaram a educação tradicionalmente difundida por modelos hegemônicos de educação, em que a educação para o trabalho baseava-se em modelos de produção e aceitava a distinção entre teoria e prática.

Em torno de fogueiras, em contato com rudes camponeses, o psicólogo Luria (id.) verificou o relacionamento entre os instrumentos e práticas e as reflexões sobre o trabalho. Anibal Ponce (id.) debruçou-se também sobre a questão, pontuando a história da educação e a produção social. No Brasil, Paulo Freire (id.) dedicou-se a compreender aqueles que desejava educar e criou uma metodologia própria, bastante difundida, que harmoniza o significado do fazer, do aprender fazendo e do aprender a aprender. O que a princípio foi admitido como um mero método de alfabetização de adultos, ao longo dos anos, tornou-se reflexão metodológica e influenciou as gerações posteriores de pensadores e educadores.

Aos poucos, e pela intensa colaboração de filósofos, educadores e outros especialistas, as ideias e concepções passaram a ser conectadas, formando elementos de resistência. Alguns explícitos, como Hannah Arendet, Agnes Heller e Florestan Fernandes, que formularam ideias difundidas amplamente.

Há poucas décadas, articulado às mudanças na concepção sobre formação para o trabalho, o significado do conhecimento para o aprendizado ganhou ênfase e deslocou a perspectiva educacional: o aluno tornou-se sujeito ativo na produção do conhecimento. Do próprio conhecimento, do conhecimento coletivo e do saber socialmente acumulado. O papel do professor deixou de ser o de transmissor (e reproduzidor) dos saberes, mas tal mudança não o isentou de participar da produção do saber, tornando-o mediador da relação do aluno com o conhecimento.

Ao mediador cabe a responsabilidade de selecionar abordagens, instrumentos e recursos didáticos para promover a aprendizagem do aluno, além de distinguir os melhores caminhos no processo de aprendizagem, considerando não apenas o conhecimento prévio, mas os interesses e tendências, as relações de colaboração e cooperação entre os indivíduos, as formas individuais de percepção, apropriação e elaboração do saber.

Perrenoud (2000) acrescenta sua própria reflexão:

O professor que trabalha a partir das representações dos alunos tenta reencontrar a memória do tempo em que ainda não sabia, colocar-se no lugar dos aprendizes, lembrar-se de que, se não compreendem, não é por falta de vontade, mas porque o que é evidente para o especialista parece opaco e arbitrário para os aprendizes.

Tal ideia é reforçada por Perrenoud (ibidem) quando sugere que o professor encontre um ponto de abordagem no sistema cognitivo do aluno, por meio do qual possa promover uma pequena desestabilização que o obrigue a se reorganizar, incorporando novos elementos às representações. Reforçando a mesma ideia lemos com Levy (2008, p. 158) que o ser humano tende a compreender melhor sua atuação quando domina e executa tarefas menores que compõem as atividades mais complexas.

A Resolução CNE/CBE nº4/99 "o conhecimento no sentido lato pode ser definido como um acúmulo de saberes fundamentais, de saberes técnicos e de aptidões sociais", o que nos orienta a admitir a dimensão do desenvolvimento social e a planejar de forma equilibrada e voltada para o desenvolvimento de competências. Segundo Perrenoud (2011: p. 1), "A competência é formada pela prática, construída em situações concretas, problemáticas e desafiadoras, com conteúdos, contextos e riscos identificáveis pelo aluno." Percebe-se que há uma continuidade no desenvolvimento do processo. À medida que se definem as estratégias de mobilização e as situações de aprendizagem, analisando-as, ordenando-as e harmonizando-as de acordo com o esboço de projeto elaborado, há a reflexão permanente sustentada pela avaliação da aplicabilidade e da possibilidade (riscos) de ser adequada em função de um objetivo condutor.

O aprendizado ocorre na mesma proporção do comprometimento do sujeito que aprende,-daí a possibilidade de utilizar situações reais (o contexto) para mobilizar o interesse e estimular o envolvimento. Os sentimentos individuais permeiam as relações sociais, é impossível dissociá-los, contudo, a situação de aprendizagem pode mobilizar os interesses pessoais em função da construção do conhecimento de forma coletiva. O comportamento ético, a orientação objetiva e a valorização do desempenho do sujeito tendem a promover o engajamento coletivo. Este conforma-se como atitude de resistência, pois ao construir a visão do mundo compartilhada e legitimada por todos, cria-se um elemento de união e fortalecimento da autonomia, tanto dos alunos – pois tornam-se convictos do conhecimento que dominam – como do docente enquanto mediador da relação na qual se origina o conhecimento.

O planejamento da ação educativa é enriquecido pela experiência do aluno, por isso a mediação é importante, evidenciando o papel do orientador e de sua formação profissional. O instrutor deve estar atento para as limitações dos alunos, percebendo-as como aspectos que precisam de atenção, assim como deve aceder às sugestões e contribuições dos alunos para alimentar o processo de instrução. O planejamento deve ser flexível no sentido de equacionar a necessidade do aluno e as metas estabelecidas no plano de ensino. Todavia, o docente deve considerar, segundo Szymanski (2011, p. 25), os "obstáculos epistemológicos", ou seja, situações que "ocorrem quando um conhecimento mal estabelecido se defronta com outro que o contradiz, impedindo o aluno de progredir, levando-o a uma 'inércia'". A autora defende que o docente saiba identificar os obstáculos epistemológicos e promova a superação, facilitando o aprendizado.

Do ponto de vista cognitivo coexiste a afetividade, que precisa ser superada pelo comportamento ético do docente. As competências demandadas pelo mercado de trabalho exigem conhecimentos articulados à afetividade, que se pode observar na identificação ou resistência entre sujeitos, na busca de satisfação e de aprovação Küller (2008) destaca que a mobilização deve eleger atividades que despertem o interesse do aprendiz, afirmando que "A situação deve problematizar, desconstruir o saber já existente ou colocar um desafio em relação ao conteúdo e aos objetivos da unidade de ensino". A criticidade e o interesse do aluno podem ser conduzidas para o desenvolvimento da inteligência emocional, incentivando-o a identificar as

relações inerentes entre o contexto laboral e a sistematização teórica. A opinião de Szymanski (2011, p. 27) esclarece que

O processo de aprendizagem não se resume a um acúmulo quantitativo de informações. O desenvolvimento cognitivo é um processo que envolve alterações qualitativas no raciocínio do aluno. Compreender sua complexidade poderá facilitar a ação docente.

A hegemonia na educação profissional também precisa ser analisada com cuidado, os métodos que adotamos devem incorporar a mudança social – incluindo a dimensão tecnológica – contemplando a aplicação e aprimoramento do conhecimento e o incentivo à criatividade e à iniciativa. A sociedade do conhecimento não é um mito ou um objetivo para acessar, ela é o contexto em que ocorre o desenvolvimento profissional.

Considerando o excerto do Parecer 15/98: no exercício da cidadania, toda a atividade deve convergir para o desenvolvimento de conhecimentos que encontrem rebatimento na sociedade. O processo de participação social exige exercício constante, das pequenas ações individuais até os grandes movimentos que reformulam a sociedade (incluindo a mudança de paradigma de comportamento) que é elaborada e reconstruída permanentemente, o ambiente educacional comporta espaços de convivência e interação para vivenciar tais processos.

No parecer, observa-se a concepção da sala de aula como um ambiente vivo, onde ideias são socializadas, o que significa barulho, divergência, conflito, pluralidade, pois “do desejo de saber à decisão de aprender, o caminho é tortuoso”, como adverte Perrenoud (2000, p. 70). O equilíbrio é inerente ao processo: se há dúvida, há discussão e "barulho"; se há análise, há concentração e silêncio. O desafio que se apresenta é criar um ambiente de colaboração e respeito mútuo, no qual a objetividade e o comportamento ético instalam-se.

Aproximar o aluno do conceito, e fazê-lo interagir para reconstruí-lo e compreendê-lo é um desafio constante, e é fundamental considerar que o aluno tem sua própria linguagem, constituída a partir de sua experiência pessoal. Portanto, o acesso do aluno a outras referências está vinculado à sua experiência individual e coletiva com a construção de significados e conceitos, e muitas vezes pode surpreender o mediador, dada a variedade de formas de expressão que compõem a comunicação dos saberes, Levy, após discutir a teoria das interfaces, acrescenta: “O conjunto das mensagens e das representações que circulam em uma sociedade pode ser considerado um grande hipertexto, móvel, labiríntico, com cem formatos, mil vias e canais.” (Levy, 2000, p. 185).

## ● **METODOLOGIA**

Esse trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica, fundamentada nos seguintes autores: Freire, Perrenoud, Lévy, Moura, Ramos e Frigotto. A pesquisa foi realizada em turmas do Programa de Aprendizagem Profissional Comercial do SENAC/RN, situado em Natal, capital do Rio Grande do Norte, no período 2017 a 2018.

Foram considerados os ambientes de aprendizagem planejados para turmas do SENAC/RN, formadas por jovens entre 14 e 24 anos, atuando no mercado de trabalho como aprendizes de acordo com a lei nº10.097/2000, que frequentam regularmente o curso para promover o desenvolvimento de competências que favoreçam a empregabilidade e permanência no mundo do trabalho.

A escolha do Programa de Aprendizagem Profissional Comercial baseou-se na reflexão sobre demanda por profissionais criativos e autônomos; além do que, percebeu-se a necessidade de refletir sobre o ambiente de aprendizagem e atuação docente.

Para aprimorar a análise do ambiente de aprendizagem em que ocorrem as relações em foco foi realizado um levantamento do arcabouço legal da Aprendizagem Comercial, alinhando à perspectiva da Reforma do Ensino Médio, instituída pela Lei nº13.415/2017, pois o Programa de Aprendizagem do Senac atende alunos de Ensino Médio, que trazem suas vivências para o contexto da Educação Profissional.

## ● RESULTADOS E DISCUSSÕES

As relações de poder no ambiente de aprendizagem são um desafio para a atuação do docente. Os discentes estão fortemente condicionados pelo paradigma da escola formal. O embate está presente, também, na relação de produção docente. Torna-se necessário ampliar a percepção do trabalho docente.

É preciso observar que os jovens que se matriculam em cursos de educação profissional, buscam ampliar ou sistematizar conhecimentos, bem como desenvolver habilidades e atitudes, que moldam as competências técnicas e comportamentais que lhes permita melhorar a empregabilidade. Tais jovens migram informações variadas do sistema de instrução formal para a educação profissional, inclusive sobre seus direitos e deveres como cidadão. A inclusão digital e os temas transversais conferem ao ambiente de aprendizagem dinamismo e flexibilidade, promovendo abertura para discutir inclusão, diversidade, gênero, educação financeira, empreendedorismo, entre outros assuntos que exigem do docente na Educação Profissional atitude crítica e bem fundamentada. Jovens que se desenvolveram sob “ampliação intensa de políticas e programas direcionados à grande massa não organizada, que vivia abaixo da linha de pobreza ou num nível elementar de sobrevivência e consumo” (FRIGOTTO, 2011), vivenciaram ou acompanharam debates sobre direitos difusos e direitos civis, por meio de redes sociais ou por outros veículos de informação. Para além das ideologias, o hábito de questionar, buscar informações e encontrar conteúdo de interesse, tornou-se uma prática constante entre os jovens e instalou-se na sala de aula e em outros ambientes de aprendizagem.

Mediar a relação entre o objeto de conhecimento e o aluno, exige do docente a compreensão de que a formação dos jovens é influenciada pelas transformações sócio-políticas e econômicas das duas últimas décadas. A diversidade de opiniões, bem como as diversas concepções sobre trabalho e relações de trabalho, alcança as atividades de mediação e mobilizam opiniões e interesses, impactando a construção do conhecimento e o engajamento coletivo.

Considerando a diversidade trabalhada em sala de aula, a mediação apresenta um bom desempenho ao empregar diferentes formas de abordagem, no sentido de atrair a atenção do aluno e permitir que ele mesmo interaja com o conhecimento. Segundo Sendov (1994, p. 1) “conhecimento é um tipo de informação na qual diferentes partes estão conectadas entre si, ou seja, informação suprida de estrutura”. À parte da formação escolar dos alunos, intrinsecamente são elaborados esquemas de percepção da realidade por meio das quais são estruturadas as informações disponíveis no ambiente. Cabe ao mediador identificar como tornar a percepção motivadora o suficiente para superar o desconforto provocado por mudanças qualitativas nas

estruturas mentais, compreendendo que ensinar é reforçar o desejo de aprender e, também, estimular o desejo de saber (PERRENOUD, 2000: 71).

Ocorre, atualmente, crescente oferta de recursos tecnológicos que estimulam a percepção, e, se por um lado, equipam-se melhor os professores, por outro pode promover uma sobrecarga de informações; por isso é preciso lembrar da teoria sobre os Canais de Percepção, segundo a qual os seres humanos possuem canais de apreensão de informação baseados na percepção visual, auditiva e cinestésica. A combinação de estímulos sensoriais promove a aprendizagem no sentido de que atraem a atenção e promovem a compreensão, pois cada indivíduo combina-os de forma pessoal e intransferível; coletivamente a combinação permite a apropriação dos estímulos independente do canal predominante. Combinar os estímulos tem se tornado cada vez mais fácil com o uso de tecnologias diversificadas.

Todavia, é preciso estar alerta para que a inclusão digital e o acesso às ferramentas e tecnologias digitais, possibilitem o diálogo e a interação social, visando a construção de significados relevantes para a coletividade; mais uma vez a mediação do docente é primordial em face da multiplicidade de linguagens e concepções disponíveis nos meios digitais e virtuais, sendo necessário provocar análise e reflexão, pois como afirma Ramos (2013, p. 26):

O modo como as coisas são em sua essência não se apresenta diretamente ao homem e para que elas sejam captadas é preciso, antes, um esforço do pensamento para descobrir as suas estruturas e as suas leis de funcionamento.

O jovem em processo de aprendizagem é receptivo, a combinação de estímulos atinge os indivíduos e promove a interação coletiva e a socialização de conhecimentos. Desenvolver a socialização e a colaboração em períodos de fragmentação política, como a que vivemos, requer do docente ativismo político no sentido de esclarecer a comunicação entre os jovens e dos jovens com as fontes de informação.

Tal ativismo é perpassado pela contradição entre a formação do jovem para o mercado de trabalho e a demanda do mercado por indivíduos em competição. Analisando Frigotto (ibidem) torna-se claro que: “para o mundo da acumulação flexível, não há lugar para todos, só para os considerados mais competentes”. E as transformações das sociedades atuais requerem resistência à hegemonização. Atuante na Educação Profissional, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI:2018) realiza estudos sobre tendências em várias áreas, incluindo profissões relacionadas à área ambiental, de infraestrutura, engenharia, gestão, tecnologia e inovação. A resistência às profissões tradicionais (e as relações de produção obsoletas) ocorrem naturalmente à medida que os jovens engajam-se e transformam a realidade por meio de novos conhecimentos.

Ao discutir a formação de docentes, MOURA (2008) relaciona aspectos que limitam a formação dos docentes dos quais destacamos as transformações científico-tecnológicas que atingem todas as sociedades humanas.

O docente que mantém-se atualizado percebe a intensa transformação nas formas de produção; não apenas a automação comercial substituiu o trabalhador nas fábricas, como também os “bots” substituem trabalhadores formados para a prestação de serviço. Inserido em tal realidade, o docente busca a autonomia, a auto realização e a emancipação através de sua participação responsável e crítica, nas esferas culturais e socioeconômicas. Mas não somente para si, percebendo que a necessidade de difundir a criticidade e a perspectiva de que a



sociedade vá sendo construída gradativamente e que a educação contribua para isso (MOURA, 2008).

Enquanto atividade transformadora da realidade, que envolve diferentes indivíduos, ambientes, recursos e instituições, e visa ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho, fortalece as relações no ambiente de aprendizagem que legitimam a educação transformadora.

## ● CONCLUSÃO

O desenvolvimento integral do ser humano é compromisso de educadores, para que o mesmo possa agir e interagir de forma ética e consciente. O interesse pelo aprendizado é um reflexo do desejo de ensinar. Ao tratar de reformas do sistema educacional, Perrenoud (1999, p. 71) questiona: “Eles (os alunos) terão alguma coisa a ganhar com uma redefinição dos programas em termos de competência?”

O deslocamento das relações de poder, em que os alunos passam a administrar o próprio conhecimento – e, por conseguinte, gerir seu itinerário formativo – cria tensões para a sala de aula, pois há diversas variáveis que precisam ser administradas, tais como: aluno-conhecimento, professor-aluno, aluno-aluno.

A competência, uma vez inserida no ensino profissional, informa qual o domínio almejado, os meios pelo qual pode ser atestado e para quê é exigido. Conformada pelo mercado de trabalho, e integrada, de forma didática, ao desenvolvimento profissional, a competência passa a ser alvo, e pode ser decomposta em função das especificidades técnicas que dão sustentação ao seu exercício.

A vivência de uma estrutura sinérgica, que privilegia a mediação da aprendizagem pelo professor, cria a relação necessária para remeter, aluno e professor, ao domínio da competência. Assim, o planejamento permite que compartilhem a construção dos saberes necessários à vivência em um mundo em constante mudança, sensivelmente percebido na experiência profissional.

O professor mediador deve identificar os interesses e as formas de percepção dos alunos para escolher, em um repertório amplo de ofertas, elementos que despertem a atenção do aluno para o que pode ser aprimorado.

O planejamento docente favorece as relações entre os alunos, ocorrendo em dois níveis distintos: a preparação, por parte do professor, do ambiente físico e intelectual da aprendizagem. E por parte dos alunos, que se envolvem, colaboram e se comprometem com a aprendizagem. E, também, desencadeia reflexões sobre a relação entre planejamento, mediação e avaliação, provocando mudanças nas relações de sala de aula.

Por meio da pesquisa realizada foi possível observar resistências variadas: vícios da escola formal, pela qual os alunos demonstravam esperar pela “instrução” do professor, algum inconformismo identificado na realização de atividades de socialização de conhecimentos, na qual o professor monitora a realização das atividades, acompanha o desenvolvimento dos alunos com mais perguntas do que com respostas e permite que um “outro aluno” explique a resposta para os demais alunos. Em trabalhos de socialização as alterações de comportamento foram ainda mais sensíveis, demonstrando que as contribuições entre os sujeitos durante o aprendizado, com intercâmbio e elaboração de ideias e conceitos ocorre naturalmente quando

alinhada em uma proposta de trabalho que conduz a sistematização dos conhecimentos abordados.

Concluindo, as mudanças na sala de aula foram verificadas a longo prazo, e não esgotaram possibilidades de aprimoramento no exercício da docência. A sala de aula, entretanto, como organismo vivo, funciona como um laboratório permanente, extrapolando o sentido de experimentação e almejando a inovação.

## ● REFERÊNCIAS

BRASIL, Conselho Nacional de Educação. **Parecer CEB nº 15/98**. Brasília, 1998. Disponível em [http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=853-parecer-ceb-15-98-pdf&category\\_slug=documentos-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=853-parecer-ceb-15-98-pdf&category_slug=documentos-pdf&Itemid=30192) acessado em 15/06/2019.

DUARTE, Newton. **Conhecimento tácito e conhecimento escolar na formação do professor** (por que Donald Schön não entendeu Luria). Educ. Soc. vol.24 no.83 Campinas Aug. 2003. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302003000200015&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302003000200015&script=sci_arttext) acessado em agosto de 2019.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire** [tradução de Kátia de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra]. – São Paulo: Cortez & Moraes, 1979. Disponível em: Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas UFPB - <http://www.paulofreire.org.br>

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Os circuitos da história e o balanço da educação no Brasil na primeira década do século XXI**. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, v. 16, n. 46, p. 235-254, Apr. 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782011000100013&lng=en&nr m=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782011000100013&lng=en&nr m=iso). acesso em 20 Julho 2019

KÜLLER, José Antonio. RODRIGO, Natalia de Fátima. **Uma metodologia de desenvolvimento de competências**. Boletim Técnico Senac, Rio de Janeiro, v. 38, n.1, jan./abr. 2012. Página 5 a 15.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Tradução Carlos Irineu da Costa. Ed. 34. Rio de Janeiro: 2008.

LÜCK, Heloísa. **Metodologia de projetos: uma ferramenta de planejamento e gestão**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MOURA, Dante H. **A formação de docentes para a educação profissional e tecnológica** Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica. Volume 1. Páginas 23-38. 2008. Disponível em <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/viewFile/2863/1004> Acessado em 24/07/2019.

PERRENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola**. Porto Alegre (Brasil), Artmed Editora, 1999.

----- **Dez Novas Competências para Ensinar**. Porto Alegre (Brasil), Artmed Editora, 2000. Obra originalmente publicada sob o título: Dix nouvelles compétences pour enseigner. Invitation au voyage. Paris, ESF, 1999.

PONCE, Aníbal, 1898-1938. **Educação e Luta de Classes/ Aníbal Ponce**,. tradução de José Severo de Camargo Pereira – 20. ed. – São Paulo : Cortez, 2003.

RAMOS, M. N. **O trabalho e a educação**: implicações para a produção do conhecimento em educação profissional. In: MOURA, D. H. (Org.). Produção de conhecimento, políticas públicas e formação docente em educação profissional. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2013.

ROVAI, Esméria. **Educação profissional e a formação por competências**. In: <http://www.centropaulasouza.sp.gov.br/pos-graduacao/workshop-de-pos-graduacao-e-pesquisa/anais/2007/comunicacao-oral/gestao-e-desenvolvimento-da-formacao-tecnologica/ROVAI,%20Esm%C3%A9ria.pdf> acessado em 15/julho/2012.

SENAC. DN. **Concepções e princípios**. Rio de Janeiro, 2015. 34 p. (Coleção de Documentos Técnicos do Modelo Pedagógico Senac, 1). Inclui bibliografia.

SENDOV, Blagovest. **Entrando na era da informação**. Scielo Brasil. Caderno de Estudos Avançados. vol.8 no.20 São Paulo Jan./Apr. 1994. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141994000100008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000100008) acessado em 06/maio/2019.

SZYMANSKI, Maria Lidia Sica. **A difícil Aprendizagem de tarefas que exigem um raciocínio complexo**. Boletim Técnico Senac, Rio de Janeiro, v. 36, n.3, set./dez. 2010.